

[SYLVIA DEMETRESCO]

Professora da École Supérieure de Visual Merchandising, na Suíça.
Editora da revista internacional de visual merchandising *Inspiration*;
autora dos livros *Vitrinas entre-vista: merchandising visual* (Senac São Paulo, 2004) e *Vitrinas em diálogos urbanos* (Anhembi Morumbi, 2005).
Site: www.vitrina.com.br
E-mail: sylvia@vitrina.com.br

O encanto do inverno europeu



Tudo é silêncio e branco!

A neve cai calmamente do outro lado do vidro e abafa todos os sons da cidade. Reinam a paz e o frio de alguns graus negativos, o que me faz sonhar e pensar a razão dos costumes europeus que venho vivenciando: a religião, os contos, as roupas elaboradas, as pequenas esculturas, os pratos e as bebidas típicas dos países frios nessa época do ano. Há muito espaço para a imaginação quando tudo é alvo, frio e sem luz... e, por isso, há tantas comemorações ao redor do solstício de inverno.

O inverno europeu com seus dias curtos e noites longas dura de outubro a março. As pessoas vivem à procura da luz, da cor e do calor! Calor humano e calor interior motivam desejosos momentos de reunião e encontro, novos modos de passar o tempo, de experimentar ou relembrar deliciosas receitas, de conversar e fazer algo que ocupe as mãos na sala fechada, à beira de uma lareira, espaço em que predomina o calor, e assim, nada como trabalhos manuais em tecido, palha e madeira para se entreter.

Acho que o frio é uma das razões para o encanto das feiras de Natal nos países do norte da Europa. Uma mistura antiga entre paganismo e cristianismo. O anjo de Nuremberg, por exemplo, uma tradição pagã que se tornou cristã, vem do costume ancestral em que as virgens em cerimoniais de inverno pediam aos deuses a chegada rápida da primavera. Para tanto eram vestidas de branco, com a cabeça coberta por um véu translúcido, sobre o qual era colocada uma coroa dourada com velas acesas. O Papai Noel – o velhinho São Nicolau, que encontrou crianças transformadas em salsicha por um açougueiro e desaparecidas havia sete anos, desfaz a magia e as converte novamente em crianças – tornou-se um santo que distribuía presentes, dia 6 de janeiro, como os reis Magos. Lucie, hoje uma santa nórdica, era a personagem associada a uma nuvem branca fantasmagórica que distribuía docinhos para as crianças, sempre acompanhada do animalesco Trapp, que levava embora as crianças mal-educadas. Costumes, contos e mistificações que se perpetuaram pelas conversas e crenças através dos tempos.

É em Estrasburgo, Colmar e Nuremberg que estão os mais tradicionais mercados de Natal, os quais datam do século XV, os *Christkindlmarkt*, o mercado do menino Jesus¹. O primeiro documento relata um mercado de Natal, em 1434, no reino Frédéric II de Saxe, em Dresden, chamado *Striezelmarkt*, que ocorreu no domingo anterior ao Natal.

Geograficamente essas regiões ficam ao norte europeu e vivem do cultivo da uva e da fabricação do vinho. Em razão da neve e do frio, as pessoas dedicavam-se a afazeres como preparar o vinho, cozinhar, bordar, fazer enfeites coloridos para alegrar o interior das casas, construir caixas de música, fazer velas para iluminar os dias curtos, aquecer os ambientes e esculpir pequenos personagens de madeira que davam origem aos presépios.

O primeiro presépio de que se tem notícia foi realizado por São Francisco de Assis em 1223, na igreja de Greccio, Itália. Os personagens do presépio da época eram encenados, ou seja, contavam com a participação das pessoas do burgo e de seus animais. Presépios





Fotos: Sylvia Demetresco

de madeira, pedra, porcelana, prata, cera e barro foram criados e recriados ao longo dos séculos, sendo um dos mais famosos os *santons de Provence*². Nesses presépios eternizam-se os costumes, as profissões, os modos de vestir da época em que inicialmente foram elaborados e, ainda hoje, contam com a teatralização de todos os moradores da cidade.

Esse modo de vestir que se observa e se propaga nos *santons de Provence* nos mostra as roupas típicas dessa região, ricamente trabalhadas, adornadas com muitos botões de prata ou ouro, feitas com muitos metros de tecidos e com muita aplicação de bordados e rendas.

O traje masculino tradicional utiliza por volta de 70 botões dourados e é composto por uma calça cinza fechada na lateral por cinco botões dourados, uma jaqueta preta com botões dourados, um colete vermelho de veludo ou de lã, uma camisa branca, com um viés preto de seda amarrado ao pescoço, e um chapéu de abas largas negro.

[66]

O traje feminino é bem mais complexo. Um chapéu (*coiffe*) feito com uma faixa de tecido de 3,60 m cruzada para criar um laço costurado sobre a touca branca, cujas pontas são jogadas para trás; camisa branca bordada e saia com corpete de veludo escuro com botões de prata e um *plastron* – uma espécie de gravata amarrada em forma de lenço – branco bordado com fitas; avental negro e xale de lã fina vermelha, também bordados; calçolas e saíote brancos de linho.

Hoje ainda se vê pela cidade algumas vendedoras usando essas roupas típicas, mas nesses mercados prevalecem a diversão e as montanhas de enfeites, doces, molhos e vinhos que distraem o povo e esquentam as frias noites de inverno com suas luzes e cores.

Como proposta de volta ao passado, algumas barracas, das centenas que ocupam a praça central de cada uma dessas cidades, ainda ostentam e comercializam objetos tradicionais tais como enfeites de palha de trigo trançada, personagens de madeira e feltro, anjos miniaturas com roupas douradas plissadas, rendas e a famosa coroa das virgens com as velas na cabeça.

Acredita-se, também, que os anjos continuam a sobrevoar esses mercados e cada uma das praças dessas cidades cheias de histórias para contar, que, ao som das caixinhas de música, lembram a reunião ao redor do fogo, assim como as velas não deixam a chama da história se apagar!

Desse modo, as cidades buscam não só preservar, mas também renovar e traduzir os costumes antigos e, de certo modo, possibilitam vivenciar as emoções de se estar junto na cidade... comer... beber... contar... divertir... criar... emocionar!

NOTAS

[1] Durante a Reforma religiosa do protestantismo, os mercados foram rebatizados com esse nome para lutar contra o culto dos santos.

[2] Esses presépios desenvolveram-se muito durante a Revolução Francesa por causa da proibição de ir à igreja, na missa do galo, no Natal, e assim, as pessoas podiam ter seus presépios em casa e cultivar o costume religioso. Os *santons* são personagens de barro fabricados por artesãos do sul da França que se tornaram obras de arte, com ateliês que assinam cada escultura e que podem ter de 4 a 10 centímetros, com tudo e todos que habitam uma cidade, por isso a possibilidade de encontrar personagens como o padre, o ferreiro, o prefeito, o catador de azeitonas ou o fabricante de lavanda e que hoje nos possibilita ver o vestuário ainda de séculos passados perpetuado nas figuras.